

ESCOLA DO CAMPO NA FRONTEIRA AMAZÔNICA COLOMBIANA: DESAFIOS ENTRE A EDUCAÇÃO ESCOLARIZADA E A INTERCULTURALIDADE

RURAL SCHOOL IN THE COLOMBIAN AMAZONIAN BORDER: CHALLENGES
BETWEEN FORMAL EDUCATION AND INTERCULTURALITY

ESCUELA RURAL EN LA FRONTERA DE LA AMAZONÍA COLOMBIANA:
DESAFÍOS ENTRE LA EDUCACIÓN FORMAL Y LA INTERCULTURALIDAD

Maria Auxiliadora Coelho Pinto¹

DOI: 10.54899/dcs.v23i94.6643

Recibido: 16/08/2026 | Aceptado: 17/08/2026 | Publicación en línea: 31/08/2026.

RESUMO

Este estudo aborda a temática da educação do campo e da interculturalidade em contexto fronteiriço, analisando o funcionamento da Escola Santa Isabel, na comunidade de El Vergel, na Amazônia colombiana. O objetivo geral foi compreender a dinâmica escolar de uma unidade que atende estudantes ribeirinhos e indígenas, identificando os limites e as possibilidades dessa integração sociocultural. A metodologia consistiu em pesquisa de campo com observação direta e entrevistas estruturadas com dezoito sujeitos locais, incluindo gestores, professores de língua materna Magüta, lideranças, funcionários, pais e alunos. Os resultados revelam uma complexa realidade logística e cultural: muitos estudantes, majoritariamente da etnia Magüta/Ticuna e falantes de seu idioma nativo, realizam travessias diárias de barco pelo rio a partir de localidades vizinhas, como Macedônia, Saragoza e Mocagua. O estudo evidencia o esforço da escola em respeitar a diversidade étnica local, composta por Magüta, Kokama, Jaguar e mestiços, herança histórica que remonta à fundação da instituição por uma missão evangélica. Conclui-se que, embora a estrutura escolar busque o diálogo intercultural, persistem desafios geográficos e linguísticos para a consolidação de uma pedagogia plenamente contextualizada. Essas descobertas contribuem significativamente para o debate sobre políticas educacionais em contextos fronteiriços e pluriculturais na Amazônia, sugerindo a necessidade de maior apoio institucional voltado ao ensino bilíngue.

Palavras-chave: Educação Escolarizada. Intercultural. Escola do Campo. Fronteira Amazônica.

ABSTRACT

This study addresses the themes of rural education and interculturality in a border context, analyzing the functioning of the Santa Isabel School in the community of El Vergel, in the Colombian Amazon. The general objective was to understand the school dynamics of an institution that serves riverside and Indigenous students, identifying the limitations and possibilities of this sociocultural integration. The methodology consisted of field research

¹ Doutora em Sociedade e Cultura na Amazônia pela Universidade Federal do Amazonas, Tabatinga, Amazonas, Brasil. E-mail: auxicoelho@hotmail.com Orcid: <https://orcid.org/0009-0003-3791-6477>

involving direct observation and structured interviews with eighteen local participants, including administrators, teachers of the Magüta language, community leaders, staff members, parents, and students. The results reveal a complex logistical and cultural reality: many students, mostly of Magüta/Ticuna ethnicity and speakers of their native language, cross the river by boat every day from neighboring communities such as Macedonia, Saragoza, and Mocagua. The study highlights the school's effort to respect local ethnic diversity, comprising the Magüta, Kokama, and Jaguar peoples, as well as mestizo populations, a historical legacy dating back to the institution's founding by an evangelical mission. It is concluded that, although the school structure seeks intercultural dialogue, geographical and linguistic challenges persist regarding the consolidation of a fully contextualized pedagogy. These findings contribute significantly to the debate on educational policies in border and pluricultural contexts in the Amazon, suggesting the need for greater institutional support for bilingual education.

Keywords: Formal Education. Interculturality. Rural School. Amazonian Border.

RESUMEN

Este estudio aborda el tema de la educación rural y la interculturalidad en un contexto fronterizo, analizando el funcionamiento de la Escuela Santa Isabel en la comunidad de El Vergel, en la Amazonía colombiana. El objetivo general era comprender la dinámica escolar de una unidad que atiende a estudiantes ribereños e indígenas, identificando los límites y las posibilidades de esta integración sociocultural. La metodología consistió en una investigación de campo con observación directa y entrevistas estructuradas con dieciocho personas de la localidad, entre ellas gerentes, profesores de lengua materna Magüta, líderes, personal, padres y estudiantes. Los resultados revelan una compleja realidad logística y cultural: muchos estudiantes, en su mayoría pertenecientes al grupo étnico Magüta/Ticuna y hablantes de su lengua materna, realizan viajes diarios en barco a través del río desde pueblos vecinos como Macedônia, Saragoza y Mocagua. El estudio destaca el esfuerzo de la escuela por respetar la diversidad étnica local, compuesta por personas de las etnias Magüta, Kokama, Jaguar y mestizas, una herencia histórica que se remonta a la fundación de la institución por una misión evangélica. Se concluye que, si bien la estructura escolar busca el diálogo intercultural, persisten desafíos geográficos y lingüísticos para consolidar una pedagogía plenamente contextualizada. Estos hallazgos contribuyen significativamente al debate sobre políticas educacionales en contextos fronterizos y multiculturales en la Amazonía, lo que sugiere la necesidad de un mayor apoyo institucional centrado en la educación bilingüe.

Palabras-clave: Educación Formal. Intercultural. Escuela Rural. Frontera Amazónica.



Esta obra está bajo una [Licencia Creative Commons Atribución- NoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

INTRODUÇÃO

A educação em regiões de fronteira na Pan-Amazônia é marcada por uma singular complexidade geopolítica, social e cultural. Populações ribeirinhas e indígenas compartilham

territórios divididos por limites nacionais unidos por laços ancestrais e dinâmicas cotidianas de sobrevivência. Diante desse cenário, as políticas públicas educacionais frequentemente falham ao tentar impor modelos urbanos homogeneizadores, negligenciando as especificidades locais. É nesse contexto de fricção e diálogo que esta pesquisa foi concebida, motivada pela necessidade de compreender como os processos de escolarização formais se articulam com a educação do campo e a interculturalidade em áreas transfronteiriças da Amazônia.

A relevância teórica e social deste estudo justifica-se pela escassez de investigações que analisem a práxis pedagógica real em zonas da tríplice fronteira, onde a diversidade étnica demanda respostas institucionais diferenciadas. Compreender o chão da escola nessas localidades permite identificar os limites das estruturas estatais e, simultaneamente, visibilizar as estratégias de resistência cultural e organização comunitária. Assim, o estudo busca responder à seguinte questão norteadora: Como se articulam as práticas pedagógicas, a organização comunitária e a diversidade sociocultural na dinâmica cotidiana de uma escola de fronteira na Amazônia colombiana? Para responder a esse questionamento, o estudo focou na Escola Santa Isabel, localizada na comunidade de El Vergel, Colômbia. O campo de análise abrangeu a complexa logística de travessia diária realizada pelo rio por estudantes vindos de localidades vizinhas, como Macedônia, Saragoza e Mocagua.

A instituição atende estudantes ribeirinhos e indígenas das etnias Magüta/Ticuna, Cocama e Jaguar, além de mestiços, uma herança histórica ligada à sua fundação por uma missão evangélica na região. A investigação adotou uma metodologia de campo com observação direta e entrevistas estruturadas com 18 sujeitos locais, incluindo gestores, funcionários, pais, alunos, lideranças e professores de língua materna Ticuna.

O objetivo geral do estudo foi compreender a dinâmica escolar de uma unidade que atende estudantes ribeirinhos e indígenas, identificando os limites e as possibilidades dessa integração sociocultural. Os objetivos específicos foram: analisar as práticas pedagógicas adotadas pela instituição e sua relação com os professores de língua materna Magüta; e descrever a organização comunitária e o nível de participação dos pais e lideranças locais na gestão escolar.

REFERENCIAL TEÓRICO

A localidade transfronteiriça de El Vergel, na Amazônia colombiana, constitui um cenário de profundas e intrincadas convergências de ordem política, cultural e pedagógica. O panorama

educacional da região é fortemente impactado pela contiguidade com o perímetro urbano de Letícia (Colômbia), município de onde provêm os docentes. Esse grupo de professores possui habilitação profissional em nível Normalista (formação correspondente ao Ensino Médio Técnico no ordenamento educacional do Brasil) e desempenha suas funções em regime diário.

O exercício profissional, todavia, transpõe as barreiras convencionais do ambiente escolar. Alinhados aos preceitos da pedagogia comunitária, os educadores assumem o papel de mediadores socioculturais, coordenando com as instâncias de liderança local os eventos sociais, esportivos, artísticos e de ensino no território; conduta que vai ao encontro com a práxis educativa. Conforme Silva (2023, p. 12) “o movimento de configuração da práxis educativa vislumbramos duas atividades que se articulam para produzir o homem enquanto totalidade”.

Sob o prisma da governança participativa, a instituição escolar em El Vergel assume um papel de protagonismo nas esferas política e econômica. A escola abdica de uma postura puramente instrucional para se consolidar como um espaço legítimo de deliberação coletiva, no qual professores e moradores debatem de forma horizontal e simétrica os rumos da comunidade. Conforme postula Gadotti (2000), a emancipação institucional e o engajamento coletivo convertem o aparato escolar em um núcleo produtor de cultura e de articulação política regional, fraturando o engessamento burocrático herdado do ensino tradicional.

Essa sinergia social sobressai claramente na superação dos entraves burocráticos de matriz estatal. Ainda que o cronograma letivo seja determinado de modo verticalizado pela Secretaria de Educação Departamental de Letícia, negligenciando as festividades tradicionais e as dinâmicas socioculturais da comunidade, as pactuações e as conversações ininterruptas – mantidas entre o corpo escolar e as lideranças locais – viabilizam o cumprimento orgânico das metas traçadas. Esse arranjo concilia as exigências normativas oficiais com o cotidiano territorializado. Esse processo de resistência e adaptação pode ser teorizado a partir do conceito de ecologia de saberes, de Boaventura de Sousa Santos (2010). O autor debate a urgência de estabelecer pontes dialógicas entre as determinações burocráticas do Estado e os saberes tradicionais nativos, permitindo que a coletividade confira novos significados às imposições externas como estratégia de garantia de sua autonomia cultural.

Diante de tais circunstâncias, as políticas públicas voltadas à educação muitas vezes fracassam ao tentar implantar diretrizes urbanas e homogeneizadoras, as quais invisibilizam as peculiaridades das populações tradicionais, detentoras do domínio do conhecimento (Shiva, 2001). É justamente nesse espaço de negociações e trocas que o presente estudo se estabelece. A

investigação é impulsionada pelo propósito de desvelar de que maneira os sistemas formais de ensino-aprendizagem se interconectam com as prerrogativas da Educação do Campo e da interculturalidade crítica em territórios de fronteira na Amazônia colombiana.

METODOLOGIA

A metodologia “é a descrição detalhada e rigorosa dos procedimentos de campo ou laboratório utilizados, bem como dos recursos humanos e materiais envolvidos, do universo da pesquisa” (Proformar, 2005, p. 63). A estruturação transparente destes procedimentos assegura o rigor, a confiabilidade e a replicabilidade do estudo, oferecendo as bases necessárias para a correta interpretação dos achados sobre a educação do campo na Amazônia colombiana, além de proporcionar uma base sólida para a interpretação e a generalização dos achados.

O desenho metodológico desta investigação estruturou-se como uma pesquisa de campo de abordagem qualitativa. Bogdan e Biklen (1994, p. 51) afirmam que “O processo de condução da investigação qualitativa reflete uma espécie de diálogo entre os investigadores e os respectivos sujeitos, dado estes não serem abordados por aqueles de uma forma neutra”. A opção pela abordagem qualitativa permitiu uma imersão direta no cenário de estudo, focando na compreensão aprofundada das dinâmicas sociais e interações culturais. O caráter descritivo concentrou-se em registrar para compreender, de forma minuciosa, a relação entre a educação escolarizada formal e a interculturalidade vivenciada no cotidiano institucional.

Os métodos de coleta de dados envolveram a observação direta sistemática da rotina na Escola Santa Isabel, com ênfase na logística de transporte fluvial dos alunos ribeirinhos, e a aplicação de entrevistas com perguntas diretas aos sujeitos selecionados. A definição dos participantes seguiu critérios não probabilísticos, ocorrendo por conveniência e de forma intencional. A amostra foi delimitada para garantir a representatividade das diferentes vozes que compõem o ecossistema escolar. Ao todo, participaram dezoito sujeitos da comunidade escolar, divididos entre os seguintes segmentos: gestores da instituição de ensino; professores atuantes na difusão da língua Magüta Ticuna ou Tikuna; funcionários de apoio administrativo e operacional; lideranças comunitárias locais; pais e responsáveis pelos alunos; estudantes matriculados na unidade escolar. As considerações éticas foram rigorosamente observadas através da obtenção do consentimento informado aos participantes.

Para o tratamento e a interpretação do material empírico coletado, empregou-se a técnica

de análise de conteúdo qualitativa, organizando as falas e os registros de campo em categorias temáticas que se busca pesquisar. Santos (2002, p. 17) afirma que “pesquisar é o exercício intencional da atividade intelectual, visando melhorar as condições práticas de existência”.

Como limitações do estudo, apontam-se o curto período de permanência em campo e os desafios de tradução com falantes nativos da língua Magüta/Ticuna, fatores que foram mitigados pelo apoio de intérpretes locais, sem prejuízo à confiabilidade dos resultados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Comunidade de El Vergel: um Pouco da História

El Vergel tem esse nome porque a paisagem é totalmente verde e tem muita vegetação. Está situada a 54 quilômetros do município de Letícia; caracteriza-se geograficamente com terreno baixo e acidentado por morros muito altos. Tem, aproximadamente, 2.252 km de extensão. O processo histórico da comunidade decorre desde 1960, onde viviam seis famílias das etnias Magüta/Ticuna ou Tikuna, Catachunga, Neina e Leão. Na época, o fundador foi o senhor Domingos Villas. A comunidade foi totalmente povoada em 1970, após uma forte inundação no local. Todas as famílias migraram para viver em terras altas, sendo também uma característica de El Vergel, conforme mencionado pelo curaca (informação verbal, 2024).

Figura 1. Comunidade indígena de El Vergel, Colômbia.



Fonte: Própria autora, 2024.

Atualmente, há 236 habitantes, 40 famílias e 28 casas. As etnias presentes na comunidade são: Magüta/Ticuna ou Tikuna (os primeiros moradores e fundadores); Kokama e Jaguar, que chegaram nos últimos anos; e os mestiços, presentes em números reduzidos. Essas etnias convivem em grupo, obedecendo a um regulamento interno. Os três grupos fazem alianças matrimoniais com as mulheres Magüta, Ticuna ou Tikuna; os homens Tikuna se aliam às mulheres Jaguar. O povo Magüta/ Ticuna ou Tikuna se identifica e se diferencia por clã ou nação. Em El Vergel estão presentes os clãs: de Tigres, que são os Pérez; os Vaca; o Catachunga, que veio do Peru, são os Kokamas de mãe Magüta/ Ticuna ou Tikuna.

Os líderes possuem uma equipe composta por: curaca, vice-curaca, secretário, fiscal e vocal; uma estrutura constitucional na qual tudo deve ser passado por esse conjunto de membros, pois eles possuem o poder de decisão. “Curaca” é uma palavra indígena construída a partir de um conceito observável de proteção, cuidado, pessoa maior; definido e delineado pelo animal “macaco guariba” ou “macaco curaca”, que protege toda sua espécie. Politicamente tem um poder de decisão na Colômbia. A comunidade já teve muitos curacas, os quais podem ter a gestão de um ano ou mais, dependendo da sua administração.

Politicamente, buscam estar organizados para o progresso sustentável, que acontece em três vertentes com projetos que a comunidade desenvolve: turismo; instituição política; educação e saúde (além de projetos menores, que são desenvolvidos em parceria com a escola). Ainda, possuem uma política ambiental e econômica para seu próprio desenvolvimento, através da agricultura e da pesca. A maioria de suas plantações fica no lado oposto da comunidade, pois, segundo eles, existe no local muito mais nutrientes naturais para a agricultura.

A Colômbia é um país multiétnico, com a presença de vários povos. Diante dessa especificidade de grupos, apresenta-se um quadro real e comum da educação escolarizada e intercultural desses povos de El Vergel. Na comunidade, a escola é vista como um espaço de decisões educacionais, políticas e econômicas; em todas as deliberações há a participação de educadores e membros do local.

Educação Escolarizada e a Escola Santa Isabel

Na comunidade está a Escola Santa Isabel, denominada assim pelos primeiros fundadores, pelo fato da existência de uma senhora chamada Isabel, que muito contribui no início da comunidade, e, em sua memória, deram-lhe esse nome. É considerada uma escola do campo,

institucionalizada pela comunidade de Macedônia. Toda proposta educativa é regimentada pelo Instituto Francisco de Orellana, escola-sede que mediatiza todas as atividades socioculturais, como as datas comemorativas, cívicas, regionais, campeonatos esportivos e outros.

Figura 2. Escola do campo Santa Isabel



Fonte: Própria autora, 2024.

A instituição atende uma demanda de alunos da faixa etária de 5 a 14 anos, oferecendo: pré-escola, 1º, 2º, 3º, 4º e 5º grado (grau ou ano). Estuda-se inglês, ciências sociais, religião, informática, educação física e língua materna. A Escola Santa Isabel é dirigida por uma diretora eleita pela comunidade e por três professores, que conduzem uma quantidade de 18 alunos em cada classe.

Os educadores que ensinam em El Vergel são oriundos da cidade de Letícia, Colômbia; são pagos pelo município e a estrutura física é de responsabilidade do Departamento de Educação de Letícia, Colômbia. Possuem formação acadêmica de nível normalista (equivale ao Ensino Médio técnico no Brasil) e ministram aulas todos os dias, das 6h às 12h. O calendário escolar é elaborado pelo Sistema de Governo Departamental de Letícia, mas isso não prejudica o desenvolvimento das ações planejadas, uma vez que acordos entre a escola e as lideranças locais são constantes, garantindo que os eventos (culturais, esportivos, educativos e sociais) sejam realizados mesmo quando há divergências entre o calendário da escola e o comunitário.

Há um aspecto relevante na comunidade, citado pelos líderes: as atividades culturais realizadas pela escola. Esse tipo de evento acontece conforme o planejamento dos educadores, decidida nas assembleias comunitárias, mas são os professores que encaminham essas festividades em El Vergel. A educação encontra-se em toda a parte da comunidade, inclusive na

forma religiosa. É constituída por várias religiões, contudo, a predominante é a católica, que tem como líder um catequista que coordena o culto religioso e ensina às crianças a religiosidade cristã.

Os alunos que concluem o quinto grau (5º ano do Ensino Fundamental no Brasil) e querem prosseguir os estudos se dirigem para Letícia ou Macedônia, o que traz prejuízo para a sociedade local. Os pais dos estudantes são agricultores ribeirinhos, roceiros, autônomos e pescadores; as famílias não têm como se deslocarem para outros lugares para acompanhar os filhos. Os desafios inerentes a estas questões são constantes.

Os líderes defendem o direito da população em adquirir os conhecimentos dentro da própria comunidade, pois a maioria que sai para estudar na cidade não quer mais voltar e, se volta, vem com outros ideais. As lideranças indígenas fazem um apelo aos órgãos competentes para implantarem mais cursos a fim de suprir a necessidade da Educação Básica das comunidades de intercâmbios e para garantir uma educação que funcione para a escola do campo.

Segundo Fernandes (2004, p. 141-142):

A Educação do Campo defende o direito de sua população em pensar o mundo a partir do lugar onde vive, da terra onde pisa, caso contrário irá idealizar a população do campo quando pensa o mundo e, evidentemente, o seu próprio lugar a partir da cidade. Esse modo de pensar idealizado leva ao estranhamento de si mesmo, o que dificulta muito a construção da identidade, condição fundamental da formação cultural.

Uma preocupação dos líderes da comunidade é que os alunos não têm interesse em aprender a língua materna na escola, pois os docentes não são falantes da língua Magüta Ticuna ou Tikuna (falam espanhol). Para assegurar o ensino da língua materna, a escola conta com um membro colaborador e intérprete na área da linguagem (senhor Alírio) e o intérprete dos turistas e guia prático do local (Anselmo Cordeiro Catachunga). Segundo eles, as aulas que ministram não são suficientes para assegurar o ensino integral da língua materna pretendida e almejada. Alguns Magüta/Ticuna ainda são falantes da própria língua, todavia, na escola o ensino é transmitido em castelhano, devido à mistura dos povos e para melhor entendimento na compreensão do processo de ensino-aprendizagem de todos os alunos.

Perguntado qual era a sua visão sobre a educação e qual a maior necessidade que enfrentava na educação da comunidade, Alírio respondeu: “A ética; o respeito pelos valores culturais estão se perdendo ou já se perderam. E me entristeço muito, porque os alunos desconhecem suas raízes e podem perder sua própria identidade” (informação verbal, 2024). Contudo, é preciso ressaltar que a comunidade se faz presente nos eventos realizados pela escola e existe um elo de respeito mútuo, diálogo e valorização.

Há um bom relacionamento entre todos os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem. Para Freire (1979), é preciso que a educação esteja – em seu conteúdo, [...] adaptada ao fim que se persegue: permitir ao homem chegar a ser sujeito, construir-se como pessoa, transformar o mundo, estabelecer com os outros homens relações de reciprocidade, fazer a cultura e a história. A aprendizagem acontece, mas há muito esforço por parte dos alunos, que atravessam o rio em canoas ou peque-peque (motor rabeta, que navega nos rios de águas calmas).

Anselmo ressaltou: “os estudantes têm muita vontade de aprender, mas a escola enfrenta um grande desafio, pois os professores que vêm para lecionarem não se acostumam na comunidade; assim que chegam, já querem ir embora” (informação verbal, 2024). Neste sentido, constata-se uma desmotivação pelos estudos por parte dos alunos; o que vem trabalhar essas questões na comunidade são os eventos culturais, uma vez que todas as pessoas são partícipes diretos das ações promovidas.

Bruno Rodrigues, 18 anos, morador da comunidade de El Vergel e estudante na comunidade de Macedônia, resalta que uma condição necessária à cultura é o intercâmbio cultural das escolas do campo. Ele confirma que é a escola que realiza essa produção cultural em cima dos saberes. Mesmo sendo distante, o conhecimento sobre a realidade de uma comunidade para outra traz uma nova sabedoria para sua vida. Saragoza, Palmeira, Mocagua, Libertad e El Vergel são comunidades de intercâmbios, mas possuem histórias e costumes diferentes.

Bruno, que é aluno do 7º grau ou ano e falante da língua Magüta Ticuna ou Tikuna, atravessa o rio todos os dias, num trajeto de dez minutos em uma embarcação de médio porte. Quando o estudante tem muita vontade de prosseguir seus estudos na cidade, pode ficar confuso, pois tem receio de não se adaptar, considerando que a vivência no campo é muito diferente da cidade (onde as pessoas não são acolhedoras, o que assusta). Bruno manifesta o desejo de continuar seus estudos na própria comunidade, mas que seja numa escola que tenha condições de ofertar um ensino de qualidade, preservando a característica de organização bilíngue e comunitária.

As Práticas Pedagógicas, o Envolvimento e a Parceria na Escola Santa Isabel

Durante os dias de pesquisa na comunidade, não foi possível conhecer os professores presenciais, mas Alírio, que os acompanha em suas atividades, compartilhou relatos sobre alguns dos trabalhos desenvolvidos. As práticas pedagógicas decorrem do planejamento dos professores

e ocorrem tanto em sala de aula quanto em campo, ambiente no qual os alunos participam de forma efetiva do processo de ensino-aprendizagem. Pinto, Negreiros e Araujo (2024, p. 11) argumentam que isso ocorre “nos mais diversos contextos em que pairam a construção e partilha de saberes: na escola, na comunidade e nas relações que as pessoas tecem nesses territórios”.

Os materiais de Educação Física, por exemplo, são construídos manualmente pelos próprios alunos para uso coletivo nas aulas e, posteriormente, esses itens são integrados à coleção da escola. A confecção artesanal frequentemente reaproveita recursos naturais da região ou materiais recicláveis, promovendo a consciência ecológica. Assim, a comunidade escolar une a educação ambiental à prática esportiva, estimulando a criatividade e a autonomia dos estudantes.

Figura 3. Materiais didáticos confeccionados pelos alunos.



Fonte: Própria autora, 2024.

Essa iniciativa parte dos estudantes e é orientada pelos docentes, visto que não há um empenho por parte da Secretaria de Educação do Departamento de Letícia em disponibilizar os recursos didáticos e pedagógicos necessários para subsidiar a prática dos professores em sala de aula. Por conseguinte, todas as melhorias apresentadas pela escola são frutos dos esforços conjuntos de professores, alunos e lideranças. Essa realidade evidencia a força do trabalho coletivo na comunidade, dialogando com afirmação de Freire (1987, p. 79): “Ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo”.

A Escola Santa Isabel dispõe de uma biblioteca que, apesar de pequena, possui um acervo organizado de forma pedagógica e bem estruturado. Os materiais estão divididos por áreas do

conhecimento, como Linguagens e Ciências Sociais, com destaque para as obras de origem Magüta sobre cosmologias locais. Outros recursos didáticos, como mapas, atlas e livros de registros, também compõem o espaço. O acervo é antigo, mas permanece útil para os estudos cotidianos, embora evidencie a necessidade urgente de atualização.

Figura 4. Biblioteca da Escola Santa Isabel.



Fonte: Própria autora, 2024.

Os estudantes participam de atividades físicas, disciplinares, religiosas e pedagógicas. Quanto à metodologia, os professores planejam as ações de acordo com as demandas de seus discentes. Os livros didáticos, enviados pelo Ministério da Educação, são utilizados em estudos dirigidos em classe, mas esses materiais estão defasados para as novas propostas de ensino. Diante disso, os docentes buscam alternativas pedagógicas a partir dos recursos disponíveis na própria comunidade, utilizando a realidade local como ponto de partida para a construção dos saberes sistematizados.

Os desafios são inúmeros para uma escola do campo que funciona sem recursos da Secretaria de Educação Departamental de Letícia, mas que almeja um ensino de qualidade para seus estudantes, residentes às margens do rio, em plena selva amazônica colombiana. Como apontam Pinto, Negreiros e Andrade (2024, p. 23), “os adultos ensinam os costumes do campo, as crianças crescem enfrentando os trancos [...] mesmo com as dificuldades da vida”.

Na escola, as assembleias são constantes e os pais participam diretamente das reuniões em que são tratados assuntos em relação à aprendizagem, participação dos alunos nas atividades escolares (tarefas), entre outros. A relação pais, escola e comunidade andam juntas; mesmo sendo de grupos étnicos diferentes, todos têm um objetivo e uma boa convivência. Milca Saraiva, mãe

e colaboradora que prepara a merenda escolar dos alunos, falou: “Tenho uma filha que faz o 1º grau e, no que depender de mim para ampliar os conhecimentos dela, pretendo sempre fazer parte e participar ativamente de todo o ensino, pois desejo que a língua materna seja preservada” (informação verbal, 2024).

Assim, para compreender essa realidade, deve-se levar em conta a dimensão da cultura e experiência vivida. Afinal, como aponta Lévi-Strauss (2008, p. 216), “todas as culturas resultam de flutuações e empréstimos, de miscigenações que não pararam de acontecer, embora em ritmos diferentes, desde a origem dos tempos. Todas são pluriculturais pelo seu modo de formação”.

Camila Lopes, moradora em El Vergel, da etnia Ticuna e aluna de sete anos que cursa o 1º grau ou ano na Escola Santa Isabel, disse: “O que mais gosto é de jogar e brincar com a minha professora. Quando brinco, me divirto e aprendo com os meus colegas”. Ela gosta de viver em sua comunidade porque conhece tudo ao seu redor; retrata a vida a partir de sua própria realidade, onde a motivação e o incentivo fazem parte de seu dia a dia. Pinto (2021, p. 240) sustenta que são as “situações mais simples do cotidiano que perpassam a exploração do mundo através das percepções e sentidos”.

A rotina escolar nas regiões ribeirinhas é marcada por desafios geográficos únicos, em que o deslocamento diário se confunde com as vivências e brincadeiras locais. Uma das estudantes exemplificou essa realidade ao demonstrar a prática de remar em uma canoa de pequeno porte. Segundo seu relato, esse é o transporte utilizado para chegar à escola. No entanto, o percurso impõe dificuldades: em dias de rio agitado, a estudante frequentemente chega molhada à instituição. Além disso, episódios de naufrágio da embarcação provocam a perda recorrente de materiais escolares e objetos pessoais, situações que ocorrem tanto por acidentes por força da água quanto por dinâmicas de brincadeiras. Apesar da mãe demonstrar forte descontentamento com os incidentes, a estudante expressa que se diverte com o processo, manifestando receio apenas quando a forte agitação do rio representa um perigo real à sua integridade física.

Campo Técnico e Didático-Pedagógico: Percepções e Contextos

A escola dispõe de um secretário administrativo, Hagler Catachunga Villa, que é morador da comunidade El Vergel. Ele estudou em Macedônia, *Baciller* pedagógico no ano de 2007, formação que habilitou o profissional a desenvolver o trabalho administrativo e pedagógico. Na escola, ele realiza: as atividades rotineiras; organiza as listas de docentes, dos alunos e das pessoas

que trabalham por contratos; todo processo administrativo. A história de Hagler exemplifica as trajetórias de superação que marcam o acesso à educação formal na região de fronteira. Ele contou que, quando estudava em Letícia, residiu na casa de parentes e enfrentou adversidades que exigiram esforço e dedicação contínuos para a conclusão de seus estudos.

Atualmente, esse cenário educacional e linguístico ganha novos contornos com as diretrizes institucionais vigentes. Hagler (informação verbal, 2024) ressaltou que a Secretaria Departamental de Educação passou a exigir que cada docente possua domínio fluente do idioma materno de sua respectiva comunidade. Paralelamente, o órgão estabelece que pais e responsáveis desempenhem um papel ativo, incentivando os alunos na prática cotidiana e na valorização da língua materna, tanto no ambiente doméstico quanto no escolar.

O corpo técnico da instituição evidencia um forte vínculo com o território. O secretário manifesta expressiva satisfação em seu percurso, destacando o êxito de ter concluído os estudos e retornado à própria comunidade para contribuir profissionalmente. Esse servidor destaca a relevância das parcerias firmadas nos projetos locais e posiciona-se como um colaborador direto no desenvolvimento das ações. Contudo, adverte sobre as limitações estruturais enfrentadas, apontando explicitamente a escassez de apoio e fomento por parte da Secretaria Governamental competente.

A implementação de programas governamentais é fundamental para fortalecer o processo educativo escolar, embora imponha desafios estruturais complexos. Entre as iniciativas presentes na instituição, destaca-se um programa de natureza distinta, promovido pela Secretaria de Educação Departamental de Letícia. Essa ação tem por finalidade primordial oferecer oportunidades de escolarização a indivíduos que não puderam concluir os estudos na idade regular. O programa tem como foco prioritário a validação e a conclusão da educação secundária (Ensino Médio), funcionando nos turnos vespertino e noturno.

A adesão dos pais de alunos, membros da comunidade e outros jovens da localidade ocorre de forma voluntária, motivada pelo interesse direto na aprendizagem e na qualificação pessoal.

O processo de inclusão digital na Escola Santa Isabel estende-se para além dos estudantes, alcançando também os pais, educadores e demais membros da comunidade. As atividades voltadas ao letramento digital ocorrem no próprio ambiente escolar, consolidando a instituição como um polo fundamental de democratização e acesso ao conhecimento tecnológico para a população. No entanto, a efetivação dessas práticas pedagógicas enfrenta sérias barreiras estruturais: os computadores estão concentrados em um espaço específico (o laboratório de

informática), mas o parque tecnológico é composto por equipamentos antigos e obsoletos. Essa defasagem técnica impõe severas dificuldades ao manuseio diário dos dispositivos. Apesar do cenário precário e das limitações materiais evidentes, a escola mantém o compromisso com a formação tecnológica, assegurando a continuidade das aulas por meio do esforço e da adaptação da comunidade escolar.

A infraestrutura da comunidade apresenta uma peculiaridade geográfica marcante: a quadra poliesportiva situa-se nas proximidades da margem do rio, área sujeita à sazonalidade das cheias. Embora o transbordamento das águas seja um fenômeno anual recorrente na região, essa dinâmica natural não chega a inviabilizar ou prejudicar a continuidade das práticas desportivas dos estudantes. Mais do que uma simples atividade de lazer, os incentivos desportivos funcionam como ferramentas de inclusão social, oferecendo aos jovens novas perspectivas de futuro, fortalecendo os vínculos comunitários e estimulando a autonomia e a disciplina dessa juventude.

Figura 5. Quadra poliesportiva da Comunidade de El Vergel.



Fonte: Própria autora, 2024.

A gestão escolar em contextos de fronteira e em territórios com forte presença indígena exige lideranças comprometidas com as demandas locais e com a valorização cultural. À frente dessa realidade, na Escola Santa Isabel, Dubi Martinez atua como gestora e coordenadora das atividades didático-pedagógicas. Com formação em nível Normal Superior (normalista), a profissional ressalta o desejo e a necessidade de ingressar no ensino superior para verticalizar seus conhecimentos e aprimorar suas práticas diretivas. Sua liderança possui forte legitimidade

popular, uma vez que assumiu a gestão da escola por decisão e escolha direta da própria comunidade de Letícia.

A atuação da gestora revela uma sensibilidade às especificidades do território. Embora não domine a língua Magüta/Ticuna, Martinez enfatiza e defende a centralidade desse idioma como eixo estruturante para o desenvolvimento e o ensino na primeira infância. Essa postura de salvaguarda linguística converge com as diretrizes da educação escolar indígena. Conforme aponta Pinto (2021, p. 236), é fundamental priorizar “as crianças ainda na infância, pois essa é a fase em que elas estão em pleno desenvolvimento e mais abertas ao aprendizado da vida cotidiana”. Dessa forma, a gestão busca assegurar que o aprendizado formal caminhe em consonância com as matrizes culturais e com o tempo de desenvolvimento dos educandos.

Quando iniciou seu trabalho pedagógico, Martinez buscou organizar uma estrutura pedagógica que não existia na instituição, por exemplo, o Projeto Educativo Institucional (PEI). Essa organização parte de todas as escolas ribeirinhas, distribuídas em microcentros; são grupos destinados a estudos organizacionais das escolas. As professoras, que possuem licenciatura básica primária em Educação, fazem troca de experiência. Mesmo os professores sendo poucos, às vezes não conseguem se adaptar no local; desistem de seus afazeres e voltam à cidade de Letícia antes do término do ano letivo.

O trabalho da gestão e o fazer pedagógico em áreas fronteiriças e periféricas exigem a articulação de redes de apoio locais para suprir a frequente ausência e negligência do Estado. Sob essa dinâmica, Dubi salienta que a escola e a comunidade caminham em estreita parceria, trabalhando em comum acordo e apoiando-se mutuamente na condução das atividades diárias. Contudo, essa forte coesão comunitária contrasta diretamente com as barreiras institucionais enfrentadas. A gestora aponta que o principal obstáculo ao desenvolvimento de seu trabalho pedagógico provém da Secretaria de Educação Departamental de Letícia, cuja atuação falha estruturalmente na provisão de insumos básicos, tais como recursos didáticos, livros e materiais pedagógicos essenciais.

Diante dessa escassez, os professores e a própria comunidade local recorrem frequentemente ao uso de recursos próprios para assegurar o ato de educar e garantir um melhor desempenho nas atividades escolares de seus alunos. Embora discorde veementemente dessa precarização, a diretora se vê forçada a adotar tais medidas emergenciais devido à falta de alternativas institucionais imediatas. À vista disso, verifica-se um cenário em que a solidariedade e o engajamento comunitário funcionam como redes de contingência indispensáveis para

diminuir os inúmeros desafios que incidem sobre o cotidiano da instituição escolar.

CONCLUSÃO

O presente estudo propiciou uma imersão vertical na realidade da educação escolarizada e intercultural de uma escola do campo situada na fronteira amazônica colombiana. A investigação revelou um panorama complexo, evidenciando como o processo de ensino-aprendizagem se desenvolve em meio a desafios geográficos, linguísticos e estruturais severos. Contudo, apesar dessas dificuldades, a Escola Santa Isabel preserva sua originalidade e identidade institucional ao estruturar suas práticas pedagógicas a partir da própria realidade e da territorialidade de seus estudantes.

O intercâmbio cultural, verificado no cotidiano escolar, exerce um impacto profundamente positivo nessa comunidade ribeirinha. Ao acolher estudantes de diversas localidades vizinhas, que diariamente enfrentam as barreiras físicas do rio para acessar o ambiente escolar, a instituição se converte em um polo de confluência étnica e social. Essa dinâmica transfronteiriça e pluricultural demanda uma sensibilidade pedagógica que respeite e valorize o idioma nativo e as tradições de povos como os Magüta, Kokama e Jaguar.

Ademais, constatou-se que a participação coletiva atua como um elemento qualificador e indispensável para a construção dos saberes e para o sucesso da aprendizagem dos alunos. A integração entre a gestão escolar, os professores bilíngues, os funcionários locais e as famílias fortalece o vínculo comunitário e assegura a sustentabilidade do projeto político-pedagógico da instituição. À luz das considerações apresentadas, entende-se que o objetivo geral do estudo (compreender a dinâmica escolar de uma unidade que atende estudantes ribeirinhos e indígenas, identificando os limites e as possibilidades dessa integração sociocultural) foi alcançado.

Em suma, conclui-se que esses saberes tradicionais, ao dialogarem com o conhecimento curricular formalizado, transformam-se em múltiplos saberes emancipatórios dentro da comunidade de El Vergel, na Colômbia. A experiência dessa escola do campo ressalta que a consolidação de uma educação genuinamente intercultural na Amazônia depende do reconhecimento das assimetrias locais e do fortalecimento de políticas públicas que subsidiem tanto a logística fluvial quanto o ensino bilíngue contextualizado.

REFERÊNCIAS

BOGDAN, Robert Charles; BIKLEN, Sara Knopp. **Investigação qualitativa em educação:** uma introdução à teoria e aos métodos. Porto (Portugal): Porto Editora, 1994.

FERNANDES, Bernando Mançano, Diretrizes de uma Caminhada. (Org.). ARROYO, Miguel Gonzalez; CALDART, Roseli Salete; MOLINA, Mônica Castagna. Por uma Educação do Campo. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

FREIRE, Paulo. **Teoria e Prática da Liberdade:** Uma Introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da Terra.** 4 ed. São Paulo: Peirópolis, 2000.

PINTO, Maria Auxiliadora Coelho. **Entre vozes e ecos da floresta, da terra e do Eware:** da epifania do mistério às pujanças do ritual Ticuna no Alto Solimões, Amazonas. 2021. p. 321. Tese (doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia) - Instituto de Filosofia, Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2021.

PINTO, Maria Auxiliadora Coelho; NEGREIROS, Ismael da Silva (Orgs.). **Territórios Educativos no chão da Amazônia.** Curitiba: CRV, 2024.

PINTO, Maria Auxiliadora Coelho; NEGREIROS, Ismael da Silva; ANDRADE Alexandra Nascimento de (Orgs.). **Travessias e Práticas Pedagógicas:** Campo, Rios e Florestas. Embu das Artes. São Paulo: Alexa Cultural; Manaus: EDUA, 2024.

PROFORMAR. **Metodologia do trabalho científico.** 2 ed. Rev. ampliada. Manaus: Universidade do Estado do Amazonas, 2005.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Um discurso sobre as ciências.** 13 ed. Porto: Edições Afrontamento, 2002.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A gramática do tempo:** para uma nova cultura política. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SHIVA, Vandana. **Biopirataria:** A pilhagem da natureza e do conhecimento. Tradução de Laura Cardellini Barbosa de Oliveira. Editora Vozes: Rio de Janeiro, 2001.

SILVA, Nathalha Anolar da. **O conceito de Práxis em Paulo Freire e suas implicações para o “quefazer”.** 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Pedagogia) - Universidade Federal do Tocantins, Tocantins, 2023.

STRAUSS, Lévis, C. **O pensamento Selvagem.** Campinas São Paulo: Papyrus, 2008.